

Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Flora.

CASTILHO E A INSTRUCÇÃO PUBLICA.

I.

Se um numero illimitavel de factos, de todos os generos e naturezas, que, desde muito, a cada hora, a cada minuto, a cada instante, se succedem com pasmosa fecundidade, não fosse assaz sufficiente para demonstrar que n'este paiz *nada se faz nem se deixa fazer*, bastaria a guerra irracionalissima, injusta, portanto, impia e, por vezes, traiçoeira, que se declarou e sustenta ainda contra o *methodo-portuguez* e o homem que, com a vontade na intelligencia e a crença no coração, o creou e procura erraizal-o na

eschola primaria, até agora, e Deus sabe até quando mais, tão árida, tão inculta, tão improductiva.

Ninguem ignora a tempestade que, de polo a polo, se forjou instantaneamente no orbe professional, e rebentou violenta e assustadora sobre o innocente methodo, mal respirou o primeiro alento da vida!

Dir-se-hia que Catilina havia resuscitado, e que, disfarçado n'um diabolico mestre de eschola, volvia ao mundo com o maligno intuito de fazer caír tudo aos estrugimentos de palmas e cantarolas. A agitação e terror que então se viu não podiam nascer de cousa inferior. Roma não se perturbou menos com a aproximação do destemido conjurador.

Não obstante, a tragedia teve, ao menos, a originalidade de terminar pacifica e festivamente.

Os espectadores, que muitos são, e quasi tantos quantos habitam este ameno torrãosinho, assistiram a esse encarniçado combate com aquelle temor, verdade é, que uma positiva calamidade infunde nos corações; mas quando os generaes, confundindo o triumpho moral com o triumpho da força material, do idiotismo e da inercia administrativa, se riram, riram-se tambem.

Foi o desenlace.

Este phenomeno, porém, proprio das reacções das nossas intelligencias, phenomeno climaterico, phenomeno natural n'um paiz que parece haver feito voto eterno de se desassimilhar permanentemente das feições que, de dia para dia, se pronunciam mais, e denunciam o amor e a cultivação do progresso intellectual e moral que arde no cerebro dos outros povos, não se tornaria tão notavel, se só por isso e do professorato partisse.

Em toda a parte as refórmas e innovações, que nunca podem encarnar-se na pratica sem deslocarem interesses creados, fazem trepar o rotineiro explorador das especialidades que alteram, ao apice da irritação, e só ao trabalho lento e vagaroso do amadurecimento das idéas, coadjuvado pela lima do tempo que, mais do que a alvenaria e cimento dos monumentos, gasta os costumes e as crenças, é dado enthronisar toda a refórma e innovação que encerram na physiologia da sua acção o germen de superiores beneficios.

Depois, havia estas supremas razões, uma das quaes legisla n'esta terra, em tudo e para todos, com sceptro de ferro indestructivel: a patria preguiça de interminavel vida que ha para saír do commodo *ramerrão*, e, mais do que isso, a impossibilidade que, desgraçadamente, pela ausencia, verdade seja não por culpa propria, de intelligencia e sagacidade, tinham os nossos bemaventurados professores de comprehender e ensinar um methodo racional e engenhoso.

Mas a poeira revolveu-se tambem em nuvens espessissimas n'outros horisontes.

No olympio litterario, alguns dos deuses ou soberanos monopolistas das lettras, e portanto da instrucção, convocaram urgentemente concilios extraordinarios, e, depois de haverem declarado as *radicaes* em perigo, decretado e distribuido as instrucções de salvaterio, largaram, á similhança d'Eolo, os seus fieis satellites que, nas azas do servilismo e da furia do fanatismo, despediram sobre a cabeça do poeta e prosador que, desde os seus primeiros murmurios, ainda não foi excedido, quantos golpes o braço da ignorancia, protegido pela cavillação, pôde descarregar.

As razões são de extrema visibilidade.

Castilho propondo-se a reformar a instrucção primaria no sentido amplissimo do progresso intellectual e moral do povo; meditando porta mais rasgada e caminho menos complicado e labyrinthoso por onde o filho do proletario podesse entrar facilmente e correr aos braços da sciencia preliminar de todas as outras; querendo do coração que o povo se emancipasse da ignorancia que o conserva amarrado ao jugo tyrannico da dependencia e do privilegio explorador da instrucção e do talento, fez o que todo o homem de verdadeiro senso, de verdadeira humanidade e de verdadeiro engenho, faria, entregando-se definitivamente á resolução importante e benefica d'estes pontos.

Começou por simplificar todos os embaraços que, não dando mais vida á palavra escripta do que á palavra fallada, onde não podem ser accusados sem que por isso se torne menos intelligivel; não influindo ou não auxiliando na construcção grammatical da frase; não provocando nem fecundando a idealogia, só servem para impedir passo ao povo no prompto conhecimento da leitura e da escripta, de que tanto carece, e roubar inutilmente á memoria, ao tempo e á bolsa, uma grande parte da sua acção, para a qual não escasseiam cousas de incomparavel e proveitoso registro; horas que se poderiam empregar no estudo de conhecimentos uteis ao exercicio da vida social, da arte ou industria que se professa, e das faculdades productivas do espirito; sommas com que se comprarìa todos os livros especiaes de que a curiosidade e necessidade especulativas da cultura intellectual carecem; absorvendo todos aquelles fecundissimos elementos com o ensino tardio e árido de linguas que, depois que a sciencia se libertou das cellas dos encyclopedicos frades, não servem senão para habilitar a ler Homero, Horacio, ou Virgilio, no texto original, e, sobre tudo, formar pedantes.

Converteu a orthographia hybrida e elastica da lingua, n'uma orthographia simples, fixa e directamente deduzida da pronuncia, retrato, como racionalmente deve ser, fiel da palavra fallada.

Por isto é que o mundo classico se poz nos bicos dos pés!

Inutilisar aos classicos as fadigas longas e penosas, em que muitos consumiram os annos que contam para acharem a raiz de uma palavra; roubar-lhes o luxo da erudição orthographica que constitue o unico merito dos escriptos da maior parte d'elles; despojar, em fim, a lingua de alguns *pp*, *cc*, *bb*, *ff*, e outras letras, era convertel-a decididamente n'uma Babel, onde, d'ahi para diante, confundindo-se os termos uns com os outros, ninguem poderia entender-se.

Houve argumentos da parte dos impugnadores, que attingiram ao verdadeiro sublime do ridiculo.

O analphabetico que até alli, quando lhe fallavam em *sella de frades*, por exemplo, a não confundia nunca com a *sella* dos cavallos, fal-o-hia depois de aprender pelo *methodo-portuguez*, e até substituiria na leitura aquelles por estes, embora se tratasse da descripção de um convento; e se algum ouvinte notasse o anachronismo, provavelmente desculpar-se-hia com a substituição do *c* por *s!*

Esta questão terminou como a outra, e o que ambas, por isso, apenas provaram, foi que os nossos professores, os nossos classicos e os nossos criticos, sabem rir-se admiravelmente.

Em fim, a politica mexeu-se tambem. Esta, porém, poz as palmas, a cantarola e as radicaes de parte.

Cada um protegia a sua ferida dos vapores nocivos.

Como Castilho proclamou a necessidade e urgencia de um ministro da instrucção publica, e rarissimos, mui rarissimos, sejam os nossos defensores do progresso e das necessidades do povo que, por experiencia propria, e para não arriscarem as suas *probabilidades*, acreditem e aconselhem os outros a crerem na boa fé, convicção, zelo e amor com que um homem offerece á communhão social uma idéa superiormente moral e civilisadora; como, quasi se

póde dizer, ninguem na nossa terra advoga a causa dos outros, senão com o intuito exclusivo de melhorar a sua; exulta e propaga um dado principio, senão para exaltar e propagar os seus interesses, esmagando debaixo d'este nefando egoismo, proprio e provocado n'uma nação, onde, talvez por irremediavelmente desmontada de todos os eixos possiveis de reorganisação, não haja já outro appelo senão a salvação de cada um como puder e com o que puder, honra e dignidade alheias, disse-se:

— O que elle quer é ser ministro da instrucção publica!

Se a idéa, já em acção nos paizes que se relevam pela iniciativa e desenvolvimento do progresso intellectual, moral e material, e até na propria Hespanha, pouco mais adiantada do que nós, era boa, util, fecunda; se, n'uma palavra, as exigencias do seculo clamam no nosso paiz pela organisação d'aquella parte da constituição social d'onde o povo, no futuro, ha de colher o *desiderandum* da sua felicidade, ninguem discutiu!

Ficou para quando apparecesse na bocca de quem não pretendesse ser ministro; e, d'este preconceito, alguem, depois, ha sido victima tambem...

(Continúa.)

NOGUEIRA DA SILVA.

ESTUDOS BIOGRAPHICOS.

JOSÉ MAURICIO, PROFESSOR DA CADEIRA DE MUSICA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

I.

Em breve terão corrido dezenove seculos, depois que Horacio, auctorisado interprete da razão e das regras do bom gosto, dirigindo a ode I do livro II a seu amigo Pollião, que por esses dias se occupava de escrever a historia das contendas civis da republica, poucos annos antes submettida á dominação de Augusto, o advertia de difficuldade da empreza n'aquelles sentenciosos versos, tantas vezes repetidos e lembrados:

Periculosæ plenum opus aleæ
Tractus, et incedis per ignis
Suppositus cinere doloso.

O tempo encarregou-se de abonar de verdadeira esta ponderação, consagrada ainda hoje pela posteridade, como tantos outros trechos do judicioso poeta. Ella foi então, e será sempre applicavel a quantos se propozerem tratar a historia contemporanea em qualquer dos seus ramos, e seja qual for o assumpto: pois que ainda tendo-a presente a todo o momento, e olhando-a como norte invariavel, não podem superar o perigo, que a cada passo os ameaça ao trilharem tão enganosas veredas. Por mais cordato e imparcial que se considere o escriptor; por mais accurada e miuda investigação que empregue no exame dos factos; por mais que se sinta disposto a sacrificar no altar da verdade os preconceitos dos partidos politicos, ou o mal entendido zelo da nacionalidade; está sempre propinquo a tropeçar no erro, a desvairar-se nos seus juizos e appreciações; e o que é mais, a tomar involuntariamente o falso por verdadeiro, por certo o duvidoso, e a confundir e baralhar especies diversas. Umas vezes se deixa seduzir pelas informações menos exactas dos que presume competentes e bem instruidos; outras, tem de firmar-se em tradições cimentadas apenas sobre rumores vagos; outras, colhe illações erroneas, derivando-as de principios mal assentes, ou fundando-as em documentos indevidamente appreciados. Em fim, todo o cuidado e boa fé são insufficientes para preserval-o de enganos, e salval-o de equivocações.

II.

Quereis acaso mais um exemplo da justeza com que o grande lyrico latino fallava ao seu amigo na insinuação que lhe endereçava? Olhae para a *Historia geral do Brasil* do nosso tão conhecido quanto illustrado contemporaneo, meu respeitavel amigo e honrador, o sr. F. A. de Varnhagen. Conheceis este monumento, erigido por seu incansavel auctor ás glorias da sua patria, de que não pequeno quinhão reflue para nós, os portuguezes, como primeiros fundadores d'esse vasto imperio, que descobrimos, povoámos, e civilisámos, dando-lhe as leis e costumes pelos quaes ainda agora se rege em grande parte, e até a dynastia em que hoje assenta o mais seguro penhor de sua futura paz e prosperidade? Sabeis as fadigas e trabalho improbo do insigne escriptor, em apurar a verdade, procurando avidamente, n'um e n'outro hemispherio, os subsidios que havia mister para o seu grandioso edificio; já examinando nos archivos do velho e novo mundo milhares de documentos de todas as especies; já compulsando e conferindo á luz de severa e atilada critica o que havia de escripto sobre o assumpto, desde as volumosas e pouco manuseaveis historias antigas, nacionaes e estrangeiras, e das chronicas monasticas, até ás mais insignificantes e desapercebidas memorias, relações e papeis dispersos, de que ha feito uma amplissima e custosa provisão, e nas quaes muitas vezes só se encontra a chave unica e adequada para explicar os factos, e graduar na sua verdadeira luz o que aos chronistas aprouve deixar-nos ambiguo ou enigmatico? Pois ahi mesmo, n'essa obra por tantos titulos recommendavel, e dignissima dos louvores tributados pelas pennas dos criticos competentes e imparciaes (que n'ella reconheceram merito e excellencia superabundantes, com que resgatar as imperfeições e defeitos por desgraça inseparaveis das producções humanas) achareis novas provas do quanto sejam impossiveis de evitar inteiramente os escolhos de que está cercado o escriptor que tem de fiar-se em tradições confusas, e mal averiguadas. Abri o segundo volume, impresso em Madrid, 1857, e a pag. 302 achareis os seguintes periodos:

«Alguns brasileiros durante a regencia (do principe, depois imperador e rei D. João VI) se votaram á cultura da poesia com favoravel exito......
«... Em Coimbra primava tambem então, e por suas composições musicaes, *outro brasileiro*, o padre José Mauricio, *que depois regressou ao Brasil, sua patria*, a derramar tambem n'ella torrentes de harmonias. Mestre da capella da cathedral de Coimbra desde 1794, e lente proprietario da cadeira de musica da universidade, José Mauricio, amigo do celebre José Monteiro da Rocha, produziu discipulos que muito o honraram, e legou até á universidade um compendio destinado para as lições da cadeira que regeu (*Methodo de Musica, escripto e offerecido, etc.* Coimbra 1806, de 63 pag. (em 4.º).
«Ainda hoje o Brazil conta discipulos seus, e ainda nas abobadas de nossos templos resoam os sublimes cantos inspirados *d'este nosso primeiro rival* do genio de Saltzburg.»

Ao ver o tom de convicção que reina em todas estas asseverações, quem, conhecendo o caracter ingenuo do illustre historiador, sua espraiada erudição, e a consciencia escrupulosa com que está habituado a discriminar o certo do duvidoso, e ainda do provavel, hesitaria em jurar nas palavras d'elle, havendo-as por incontestaveis, e os factos por demonstra-

dos e averiguados á face da mais clara evidencia? Pois não aconteceu assim. Um malfadado *qui pro quo* illudiu d'esta vez o sr. Varnhagen, e deu azo a taes affirmativas, tiradas de inducções não concludentes, como fundadas em manifesta equivocação, o que logo se mostrará.

Eis-aqui um exemplo flagrante do modo como os erros se introduzem e propagam, tornando ás vezes, com o volver dos tempos, difficultosa, se não impossivel, a sua reparação. Nada menos exacto que as phrases, que acima fiz notar.

José Mauricio, o *mestre de capella*, o *lente de musica da universidade*, o *amigo de José Monteiro da Rocha*, o *auctor do Methodo* citado, não foi brasileiro, nem podia *produzir discipulos no Brasil*, onde jámais esteve. Em Coimbra nasceu, e se creou, e nunca saiu da Europa. Adiante darei as provas, depois de algumas palavras ainda necessarias ao intento de justificar o meu obsequioso amigo e consocio, da inexactidão em que involuntariamente incorreu.

(*Continúa.*)

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

BELLEZAS DA DOUTRINA DE CONFUCIO E MENCIO.

(Continuação.)

Se bem que a politica do primeiro philosopho e legislador chinez seja essencialmente *democratica*, isto é, tendo por fim a cultura moral e felicidade do povo, comtudo, não se tome esta palavra na accepção que habitualmente se lhe dá. Nada se afasta mais, talvez, da concepção moderna de um governo *democratico*, que a concepção politica do philosopho chinez. Para este, as leis moraes e politicas que devem reger o genero humano sob a triplice relação do homem considerado na sua natureza de ser moral perfectivel, nas suas relações de familia, e como membro da sociedade, são leis eternas, immutaveis, expressão real da verdadeira natureza do homem, em harmonia com todas as leis do mundo visivel, transmittidas e ensinadas por homens que, pelas suas eminentes qualidades e virtudes, foram a expressão da natureza moral do homem, já devida a um favor especial do ceo, já adquirida por esforços proprios. Em todo o caso, similhantes leis não podiam ser perfeitamente conhecidas e ensinadas senão por um pequeno numero de homens, cuja cultura moral attingisse o maximo, que votaram toda a sua vida, e sem reserva, á missão nobre e santa do ensino politico para a felicidade da humanidade. É, pois, a realisação das leis moraes e politicas que podem solidamente instituir a sociedade e assegurar a felicidade publica, leis concebidas e ensinadas por um pequeno numero em proveito de todos; em quanto que na concepção politica moderna de um governo democratico, o conhecimento das leis moraes e politicas que constituem a sociedade e asseguram a moralidade publica, suppõe-se em cada um dos individuos que compõem a sociedade, qualquer que seja o seu gráo de cultura moral e intellectual; de modo que, n'esta ultima concepção, acontece muitas vezes áquelle que nem mesmo possue as luzes necessarias para distinguir o justo do injusto, cuja educação moral e intellectual está ainda por formar, ou, mesmo, cujas viciosas inclinações são os unicos moveis de sua conducta, ser o chamado, sobre tudo, se é um protegido da fortuna, para dar leis ao mais culto, moral, e intellectual!

Segundo KHOUNG-TSEU, *o governo é a justiça e a rectidão* [1]; isto é, a realisação das leis eternas, que fazem a felicidade da humanidade, e que, tão somente, ás mais vastas e cultas intelligencias é dado conhecer e ensinar aos homens. O governo, na concepção moderna, não é, ao contrario, senão um acto ao alcance de todos, no qual todos podem tomar parte, uma cousa trivial e vulgar, para o que se escusa o menor preparo de trabalho intellectual e moral.

Para melhor fazer comprehender as doutrinas moraes e politicas do philosopho chinez, analysemos resumidamente os *Quatro Livros classicos*.

1.º O TA-HIO OU O GRANDE ESTUDO. Esta obra compõe-se de um *texto* attribuido a KHOUNG-TSEU, e de uma *Exposição* feita por seu discipulo *Thseng-tseu*. O texto, propriamente dito, é muito curto. Chama-se *King* ou *Livro por excellencia*. Não obstante, porém, a sua extrema brevidade, é, talvez, sob a relação da arte de raciocinar, o mais precioso de todos os escriptos do antigo philosopho chinez, porque apresenta em gráo inexcedivel um methodo tão logico que, se não é filho do conhecimento dos processos syllogisticos mais profundos, usados e ensinados pelos philosophos indios e gregos, demonstra, pelo menos, os progressos de uma philosophia não limitada apenas á expressão aphoristica das idéas moraes, de uma philosophia já modelada pela sciencia. A arte manifesta-se de mais para que se attribua a ordem e o encadeamento das proposições ao methodo natural de um espirito justo que não tivesse consciencia d'ella. Póde-se, pois, concluir, que o argumento chamado *sorito* era já conhecido na China, dois seculos antes d'Aristoteles.

Toda a doutrina d'este precioso tratado repousa sobre um grande principio, ao qual todos os outros se ligam e d'onde correm, como fonte primitiva e natural: *o aperfeiçoamento de si mesmo*. Este principio fundamental é pelo philosopho chinez proclamado obrigatorio para todos os homens, desde o mais elevado e poderoso, até ao mais obscuro e fraco; e estabelece, como verdade, que, desprezando-o, não é possivel chegar a nenhum outro aperfeiçoamento moral.

2.º O TCHOUNG-YOUNG, OU A INVARIABILIDADE NO MEIO. O titulo d'esta obra tem sido interpretado diversamente pelos commentadores chinezes. Uns consideram-o como significando *a perseverança da conducta na linha recta egualmente affastada dos extremos*, isto é, *o caminho da virtude* que se deve constantemente seguir; outros como significando *occupar o meio conformando-se aos tempos e ás circunstancias*, o que nos parece contrario á doutrina expressa n'este livro, tão metaphysica quanto moral. O TCHOUNG-YOUNG foi redigido por *Tseu-sse*, filho e discipulo de KHOUNG-TSEU. *Tseu-sse* expõe os principios methaphysicos do seu mestre, e mostra que suas doutrinas não eram, apenas, simples *preceitos dogmaticos* colhidos no sentimento e na razão, e, portanto, mais ou menos obrigatorios, segundo o modo de sentir e de raciocinar, mas sim *principios methaphysicos* fundados sobre a natureza do homem e leis eternas do mundo. O caracter elevado que domina todo o *Tchoung-young*, e que os escriptores modernos não querem reconhecer nos escriptos dos philosophos chinezes, colloca este tratado de moral metaphysica no primeiro logar dos escriptos d'este genero que nos ha legado a antiguidade.

No primeiro capitulo, *Tseu-sse* expende as idéas principaes da doutrina de seu mestre KHOUNG-TSEU. Faz ver que a *via recta*, ou a *regra da conducta moral*, que obriga os homens, tem a sua base fundamental no ceo, d'onde se origina, e que não póde mudar; que sua substancia verdadeira, sua essencia propria, existe completamente em nós, e que de nós não póde ser separada; depois, falla do dever de conservar esta *regra da conducta moral*, de a ter constantemente presente a seus olhos; em fim, diz que é

[1] Lún-yù, cap. XII, § 17.

pelas suas obras de justiça e rectidão que os homens santos, aquelles que mais se aproximam da intelligencia divina, typo perfeito da nossa imperfeita intelligencia, hão chegado ao ultimo grão de perfeição.

Nos dez capitulos seguintes, não faz, por assim dizer, senão citações de palavras do seu mestre para corroborar e completar o sentido do primeiro capitulo. O grande fim d'esta parte do livro é mostrar que a *prudencia esclarecida*, a *humanidade* ou a *benevolencia universal para os homens*, e a *força d'alma*, que estas *tres virtudes universaes e capitaes*, são como a porta pela qual se entra no *caminho recto* que devem seguir todos os homens.

No decimo segundo capitulo, procura explicar o sentido d'esta expressão do primeiro capitulo: o *caminho recto*, ou a *regra da conducta moral do homem*, é de tal modo obrigatorio, que nem um unico instante se premitte andar affastado d'elle. Nos capitulos seguintes, cita, sem ordem, as palavras de seu mestre, para esclarecer o mesmo assumpto.

Toda a moral que não tem por fim o aperfeiçoamento da natureza humana, é uma moral incompleta e passageira. Eis porque o discipulo de KHOUNG-TSEU, que ensinou a lei eterna e immutavel pela qual as acções dos homens se devem dirigir, estabelece, no vigesimo capitulo, a *perfeição* como a lei suprema, a lei da conducta moral do homem, que encerra todas as outras. « Ha um principio certo, diz elle, para reconhecer o estado de perfeição. *Aquelle que não sabe distinguir o bem do mal, o verdadeiro do falso; que não sabe reconhecer no homem o mandato do ceo, não chegou ainda á perfeição.* »

(Continúa).



O trovador camponez. — Desenho de Annunciação. — Gravura de Pedroso.

Este quadro prima pela suave singeleza, e pelo cunho verdadeiramente portuguez. É um camponio que á porta da sua choupana, sentado n'uma rustica cadeira, prepara a voz, e preludia na viola para entoar alguns d'aquelles *descantes*, que tantas vezes fazem empallidecer, pelo perfume e viço poetico, as poesias cultas e litterarias.

Um outro camponez, encostado ao seu cajado, e embrulhado na sua manta, escuta o trovador compassivo, lançando um olhar, se não terno, ao menos expressivo, á peixeira que, com a cabeça encostada ao braço, na attitude de descanço, sentada na sua canastra, e tendo naturalmente o nome de *Maria*, talvez espere ouvir alguma quadra, que celébre os seus encantos.

Esta é a vida intima do povo, e em nada se assimilha aos aldeões do seculo XVIII, que de cabelleira polvilhada, sapatos com dourada fivela, e casaca redonda, se entregavam ao innocente prazer de ornar de fitas as ovelhinhas do rebanho.

Nos quadros de genero é que verdadeiramente se revela a physionomia nacional de cada eschola. As figuras de Velasco e de Ribere respiram a Peninsula, como as de Rubens e Van-Dick as da viçosa, rosada, e farta Flandres.

A civilisação ainda não penetrou sufficientemente no nosso paiz, para que tenha conseguido uniformisar os nossos costumes. Os pescadores de Aveiro são uma cousa mui differente dos ceifeiros do Alemtejo, dos *ratinhos* da Beira, e a arte da pintura e da gravura tem um vasto campo a explorar dedicando-se ao estudo dos nossos costumes nacionaes.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

III.

O AMOR.

I.

Sente-se o amor, mas não se define. É mui debil a intelligencia do homem para sondar o grande segredo da natureza.

A lua que voga magestosamente n'um mar immenso de azul; a branca nuvemsinha que fluctua na região das estrellas; o aroma de duas violetas confundido pelo zephyro; o murmurio da fonte interrompendo o melancolico silencio da noite; o doce trinar dos rouxinoes; o terno arrulho das pombas; a gota de orvalho sôlta do ceo sobre o calix da vida — aqui está o amor.

Definem-n'o assim os poetas.

Os philosophos, que muita vez fallam do que não entendem, por quererem entender de tudo, tem dito solemnes vulgaridades, porém vulgaridades philosophicas, tratando do amor.

Quando muito, o que sobre este ponto tem chegado a discorrer, é chamar ao amor, *um não sei quê, que nasce não sei d'onde*, o que, como qualquer comprehende, é capaz de convencer o mais incredulo.

O coração e a cabeça podem considerar-se como o primeiro andar e agua-furtada do predio: o amor é inquilino do primeiro, e os philosophos habitam a segunda. Conhecem o visinho de vista apenas.

Desde os tempos de Homero até hoje que se escreve do amor; e a questão está intacta.

O ultimo homem que pereça no dia da destruição universal será o ultimo livro de amor. Quem se atreverá, pois, a folheal-os todos para synthetisar a materia?

Os poetas são os unicos que podem aproximar-se do conhecimento d'essa sciencia, que, se é pura, produz Santa Theresa escrevendo que Satanaz não seria Satanaz, se podesse amar; se é impura, produz Sapho precipitando-se do Leucate, porque um homem a deixa.

Os poetas, no cerebro e no coração dos quaes ha alguma cousa de sobrehumano que os eleva da região tangivel da mortalidade, são os que podem fallar d'esse sentimento intimo, aza veloz que Deus deu á alma para que vôe até ao ceo, como julga Miguel Angelo; santa aspiração da parte mais etherea do espirito, como diz Jorge Sand; segredo sublime em cuja virtude dois são um, o homem e a mulher fundem-se n'um anjo, e o ceo apparece, como escreveu Victor Hugo; o architecto do mundo, no raciocinar de Hesiodo; o perturbador da terra, na opinião de Bacon; *o egoismo de dois*, segundo a magnifica e profunda definição de la Salle.

Só os poetas, que recebem nos raios da lua torrentes de inspiração, comprehendem o que diz á alma sua melancolica pallidez; elles sabem o segredo da nuvemsinha que fluctua, vêem palpitar o seio das flores, entendem o vago rumor da fonte que murmura, e traduzem a linguagem dos rouxinoes e o ternissimo arrulho das pombas. Elles são os unicos que tem podido dizer: «eis o amor.»

Os philosophos, em geral, tem-n'o praticado e deprimido; os poetas não crentes, cantado; os poetas verdadeiramente christãos, divinisado.

O christianismo, que illustra e dignifica quanto na serie dos seculos toca, mudou tambem a natureza do amor.

O amor das passadas eras havia produzido as Phedras e as Didos; o amor santo que brotou da doutrina salvadora produziu as Magdalenas.

Quando o sentimento cavalleiresco, e mais que cavalleiresco, christão, brilhava de resplendente magestade, o sentimento do amor vinha a ser tão puro, tão arraigado, que n'elle, como em pedestal magnifico, se elevava o sentimento nobre do mais nobre patriotismo.

Então, como diz o grande escriptor, era mais facil amar uma mulher do que seduzir muitas.

O amor não era uma arte; era uma verdade, era a febre da alma, e a paixão o seu delirio.

II.

Um livro ácerca das mulheres, é o mesmo que um livro ácerca do amor. M.me Staël responde por nós. O amor, diz ella, é apenas um episodio na vida dos homens, e a historia inteira da vida das mulheres.

Debaixo d'este ponto de vista, o amor, que é de ordinario no homem um manancial de felicidade, costuma ser na mulher um manancial de desditas.

De cada cem homens, noventa amam por verdadeira impressão: de cada cem mulheres, noventa amam por agradecimento; por ter amor.

Porque o amor nas mulheres é um perfume, que quanto mais se reconcentra, mais se diffunde e mais se eleva.

Os escriptores tontos e os murmuradores sem graça acodem ao arsenal do amor em busca de armas com que combater a mulher.

Covardes! Quanto melhor lhes fôra educar o seu coração, do que escarnecer-lhes os extravios!

Quasi todas as invectivas que contra as mulheres se tem escripto e dito, procedem do mesmo principio. É regra constante. Quanto mais se afunda o homem no lodo de paixões immundas, tanto mais rigorista se faz, em geral, pelo que respeita ás virtudes da mulher. Quanto mais desce na escala da fidelidade, tanto mais sobe na escala das exigencias.

Os homens primeiro falsificam o seu amor, do que as mulheres; diga-o por nós a historia da polygamia.

O que nos attribuir parcialidade nas idéas que vamos consignando, medite na seguinte maxima: «O amor é um menino crescido: a mulher a sua boneca.»

Esta é uma verdade que não póde pôr-se em duvida; como é tambem indubitavel que em contendas de amor é o homem juiz e parte.

Se fosse possivel repassar os milhares de livros em que, já de proposito, já por incidencia, se trata do amor, observariamos que em cada milhar haveria de ler-se no frontespicio o nome de um homem, e raramente n'um se veria escripto o nome de uma mulher. A lucta, pois, apparece desigual.

Se as mulheres soubessem escrever, se tivessem expedito o direito de defesa, não estaria esse juiz invisivel, chamado opinião publica, tão prevenido contra ellas; talvez nos ganhassem, com custas, o litigio; porém um tribunal aonde todos são fiscaes, e dos poucos defensores que ha, mais da metade contribuem para peiorar a causa, facilmente se comprehende que tem em si motivos mui justificados de recusa.

Pelos homens estudarem o amor nos livros de outros homens, se perpetuam os erros, os prejuizos e acaso as injustiças: para estudar essa sciencia ha só um livro — o coração da mulher.

Por isso um livro sobre as mulheres, e um livro sobre o amor, vem a ser phrases synonymas.

O amor é como a physionomia. Não ha duas mulheres que se pareçam no amor; entre cada duas media um abysmo. Quem disse que, debaixo d'este ponto de vista, são identicas todas as mulheres, com-

metteu grande insania, a menos que não acrescente estas palavras: *para o auctor da maxima.*

Isso muda de especie; já n'outro logar o consignámos; tambem para o cego são identicas todas as côres, e para o surdo todos os sons.

Todos os defeitos que possam ter as mulheres, todos os extravios de que na sua fragilidade possam ser responsaveis, pesam menos para um homem imparcial e prudente, do que as amarguras que trituram o seu coração quando ama; e ama quasi sempre, ou sempre sem quasi, se podêmos acreditar em Mme Staël.

Tão certissimo é que as mulheres tem composto o grande poema do amor, e os homens commentam-n'o sem chegar a comprehendel-o!

Cada lagrima desprendida em certas occasiões dos olhos de uma mulher, é um thesouro que não sabem apreciar os corações de barro que se revolvem na sociedade de hoje.

Cada suspiro exhalado de uma alma virginal é um grito sublime de *miseraveis!* que envia a ternura ao egoismo e á incredulidade.

«Para a mulher o amor é a curiosidade; para o homem o amor é o amor.»

Mentira! ou o que disse tal blasphemia não sabe o que é amor, ou os typographos trocaram as palavras, e então não ha blasphemia.

Tirae á mulher o amor, despojai-a do mais bello attributo, e posto que não a eduqueis, vos ficará reduzida ao ser mais abjecto da terra.

O amor é um fio que a mulher sustenta pelos dois extremos, e que nos dá a retorcer.

De accordo.

Quem o soltará primeiro; o que tem o fio duplamente seguro, ou o que o tem por um só extremo, sujeito com dois dedos e em movimento constante?

(Continúa.)

BRITO ARANHA.

IDA PFEIFFER.

I.

Ida Pfeiffer foi sem contestação a mais admiravel, a mais intrepida viajante que tem havido. Nascida em 1795 em Vienna d'Austria, casou cêrca de 1820, e passou n'essa cidade a maior parte da sua vida, entregue aos cuidados domesticos e á educação de seus dois filhos. A violenta paixão de viajar se misturava no seu espirito com a nobre paixão de acrescentar com seus esforços pessoaes alguma cousa á somma dos conhecimentos humanos.

Na edade em que o descanço começa ser uma necessidade, Ida deixou o seu para percorrer o mundo. Se tinha todos os traços caracteristicos da mãe de familia allemã, estas qualidades ainda eram pouco, diante do esplendor das altas qualidades, muito mais raras nos seus compatriotas, a curiosidade ardente, a coragem inabalavel, o intrepido sangue frio, a vontade de ferro. Quando Ida disse «hei de ir alli, hei de ver tal cousa» podem os rochedos erriçar-se, podem os precipicios abrir-se e alargar-se, que nada, nem mesmo a ameaça da morte, quasi certa, a faz recuar, e graças á sua estrella e á sua inaudita perseverança, sabe sempre abrir caminho para chegar ao seu fim.

Na mais tenra edade manifestou logo estas disposições. Quando era criança fugia para ir ver as carruagens de posta: invejava a sorte do postilhão, e seguia-o com os olhos até vêl-o desapparecer ao longe em nuvem de poeira. O horisonte da criança foi-se alargando com a leitura ávida de relações de viagens, que lhe mostravam oceanos, embarcações fluctuantes, um mundo dilatado. A vista das montanhas, que se perdiam ao longe, arrancava-lhe lagrimas: dil-o ella propria no prefacio de uma das suas obras. A sua maior felicidade era acompanhar seu marido a largas excursões. Ficando só, depois de viuvar e do estabelecimento de seus filhos, não teve outro pensamento senão converter em realidade os sonhos de toda a vida. Podia dispor de uma pequena somma, fructo de vinte annos de economia, e nós a vemos em 1842, na edade de quarenta e sete annos, começar o curso de suas longas viagens.

«Nascida em fins do ultimo seculo (diz ella) podia viajar *só.*»

Partiu para a Terra-Santa verdadeiramente encantada. Sem guia atravessou as duas Turquias, a Palestina e o Egypto — «e vêde (diz ella) voltei de lá.» A relação que fez d'esta viagem publicou-a em Vienna em 1844. São dois volumes (que já em 1856 tinham 4.ª edição) debaixo do titulo de *Viagem d'uma viennense na Terra-Santa (Reise einer Wienerin in das heilige Land).*

Não descançou muito tempo. Das praias ardentes da Syria passou por uma repentina mudança ás regiões geladas do norte, visitou a Suecia, a Noruega, a Laponia, e mesmo a Islandia, paiz sobre o qual publicou curiosas informações. A sua *Viagem ao norte da Escandinavia e á Islandia, no anno* 1845 *(Reise nach dem scandinavischen Norden und der Insel Island im Iahr* 1845) foi publicada em Pesth, em dois volumes, em 1846. Em 1855 fez-se segunda edição.

«Viagens na Islandia (diz ella) são muito mais peniveis que no oriente. Supportei mais facilmente o excessivo calor da Syria, que os terriveis furacões, acompanhados de vento e de chuva, que a aspereza do ar e o rigor do frio, que gelavam esta ilha.»

Estas duas excursões ao norte e ao meio dia não eram senão viagens de prazer, comparadas á grande viagem que Ida premeditava. De baixa estatura, mas dotada de compleição robusta, e de força moral comprovada, deixou Vienna no 1.° de maio de 1846 para fazer a sua primeira viagem á roda do mundo.

Partiu de Hamburgo n'um navio dinamarquez que ia directamente ao Brasil, e chegou ao Rio de Janeiro, cuja bahia sem rival descreve com palavras enthusiasticas: depois passou o cabo Horn, tocou em Valparaiso, e fez proa de Cantão com escala por Taití. A China não é para ella mais que uma escala no caminho para Ceilão, para Madrasta, para Calcuttá; mas o luxo e os costumes da Inglaterra, que encontra n'estas cidades opulentas, seduzem-n'a pouco. Mette-se n'um barco a vapor, e pelo Ganges chega a Benarés, a Athenas da India. D'alli parte para Delhi, a antiga capital do imperio mogol. D'aqui, n'um carro puxado a bois, vae a Bombaim nas costas do mar da Arabia, que fórma o golpho Persico. Penetra no golpho, sobre o Tigre, visita Bagdad, a cidade dos califas: uma mula a transporta de Bagdad a Mossul no meio das ruinas da antiga Ninive.

De Mossúl a Tauris, a segunda cidade da Persia, trezentas a quatrocentas legoas, são para Ida um passo. Em Tauris é recebida mui bem pelo vice-rei, herdeiro do throno da Persia; mas não tanto nas fronteiras do imperio russo, onde se congratulava encontrar terra civilisada. Não tinha contado com as alfandegas, com as estações de posta, com as formalidades infinitas do passa-porte. É isso o que a faz exclamar no seu desespêro:

«Oh! meus bons arabes! Oh! turcos, persas, hindos, cujas terras atravessei pacificamente! Quem me diria que devia encontrar tantos obstaculos n'esta terra christã!»

Fosse como fosse, Ida entrou sã e salva em Vien-

na, em 1848. Dois annos depois publicava ahi mesmo em tres volumes a interessante relação das suas aventuras, com o titulo de *Viagem d'uma mulher á roda do mundo* (*Frauenfahrt um die Welt.*)

Entretanto ainda ficavam á intrepida viajante muitas terras que ver, sem fallar do interior d'Africa, onde não ousára penetrar por falta de recursos.

Poz-se a caminho com uma somma de quatrocentos mil reis, que o governo austriaco lhe dera a titulo de recompensa. Saindo de Londres em maio de 1851, aventurou-se só e a pé a penetrar no interior de Bornéo, visitou Java e Sumatra, passou algum tempo no meio da tribu cannibal dos battaks, e achou nas ilhas Molucas passagem gratuita para a California. Não tardou muito em fugir d'este abominavel paiz do ouro, como ella lhe chama, e foi desembarcar no Perú. Naturalmente attrahida pela cadeia dos Andes, subiu ao Chimborazo e ao Cotopaxi, que estão cobertos de eternas neves. Alguns mezes depois percorria á vontade os principaes estados da União Americana, e desembarcava em Londres por fins de 1854. A relação d'esta viagem, publicada em Vienna em 1856, poz ella o titulo de *Minha segunda viagem á roda do mundo.* (*Meine zweite Weltreise.*)

No mez de julho 1856 Ida Pfeiffer visitou Paris. A sociedade de geographia recebeu-a no seu gremio, e conferiu-lhe uma medalha honorifica. Novo estimulo para a viajante infatigavel, que devia tentar a mais perigosa das suas expedições, dobrar mais uma vez o cabo, e visitar a ilha de Madagascar, onde entretanto lhe tinham dito que reinavam febres mortaes!

Só o boato de uma expedição do governo francez contra a ilha de Madagascar, e as mais vivas instancias dos membros da sociedade de geographia de Paris, Alfredo Maury, e Malte-Brun, que ella frequentava, poderam fazel-a renunciar a tal empreza.

Depois de deixar Paris nos principios de agosto, dirigiu-se primeiro a Londres, onde foi apresentada á sociedade real de geographia. De Londres embarcou para a Hollanda. Demorou-se poucos dias. Em 31 de agosto deixou Rotterdam no barco *Zalt Bommel*, e seguiu para Java.

As viagens de Ida Pfeiffer tem o cunho dos nobres sentimentos que distinguem a todos os respeitos esta mulher respeitada. O estilo é simples e natural. Conta sem emphase o que viu, e longe de imitar muitos viajantes, que deixam o campo livre ao brilho da imaginação, só toma por guia a verdade, e dá conta fiel das suas impressões, sem nunca carregar demasiadamente as côres dos seus quadros. Não lhe faltaram por isso suffragios do mundo scientifico e litterario. Baste-nos citar um dos mais preciosos, qual a seguinte carta do celebre Alexandre de Humboldt. Dizia assim:

« Rogo ardentemente aos que em differentes regiões da terra conservam alguma lembrança do meu nome, e benevolencia pelos meus trabalhos, queiram acolher com vivo interesse e auxiliar com os seus conselhos a portadora d'estas linhas, a sr.ª IDA PFEIFFER, celebre não só pela nobre e corajosa confiança que a tem guiado no meio de tantos perigos e privações duas vezes á roda do mundo, mas principalmente pela amavel simplicidade e modestia, que reina nas suas obras, pela rectidão e philanthropia dos seus juizos, pela independencia e delicadeza de seus sentimentos. Gozando da confiança e da amizade d'esta respeitavel senhora, admiro e censuro ao mesmo tempo esta força de caracter, que tem mostrado por toda a parte aonde a chama, devia dizer, aonde a arrasta o seu invencivel gosto da exploração da natureza e dos costumes das differentes raças humanas. Viajante, o mais carregado de annos, desejei dar á sr.ª Ida Pfeiffer este fraco testimunho da minha elevada e respeitosa estima. Potsdam, no castello da cidade, 8 de junho 1856. — ALEXANDRE DE HUMBOLDT. »

A estas palavras tão sensiveis do decano dos sabios da Europa, só acrescentaremos algumas linhas d'uma carta dirigida por Ida a um dos seus amigos. Servirão de rectificar a idéa errada que se tem feito do seu caracter viril:

« Rio-me (diz) quando penso nos que só me conhecem pelas minhas viagens, e imaginam que devo parecer-me mais com homem que com mulher. Quão mal me julgam! Vós que me conheceis, sabeis bem que os que esperam ver-me com seis pés de altura, modos intrepidos, e pistola á cinta, acharão em mim uma mulher tão pacifica e timorata, como a maior parte d'aquellas que nunca pozeram pé fóra da sua aldeia. »

Quem viu Ida Pfeiffer confirma o testimunho que ella dá de si mesma: os que não a conheceram convencer-se-hão de que ella disse a verdade, lendo as suas viagens. Não obstante os seus grandes estudos, e caracter heroico, Ida conservou sempre as qualidades amaveis e graciosas do seu sexo. As suas relações e as reflexões que as acompanham são impregnadas de todas as delicadezas de uma doce e bella alma.

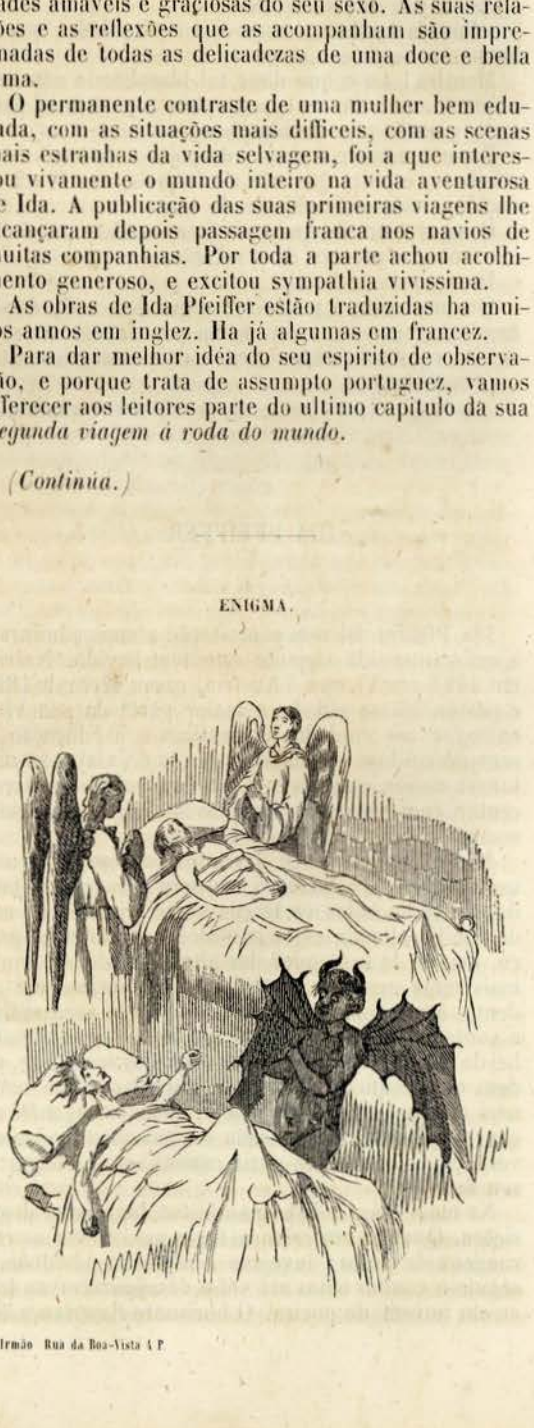
O permanente contraste de uma mulher bem educada, com as situações mais difficeis, com as scenas mais estranhas da vida selvagem, foi a que interessou vivamente o mundo inteiro na vida aventurosa de Ida. A publicação das suas primeiras viagens lhe alcançaram depois passagem franca nos navios de muitas companhias. Por toda a parte achou acolhimento generoso, e excitou sympathia vivissima.

As obras de Ida Pfeiffer estão traduzidas ha muitos annos em inglez. Ha já algumas em francez.

Para dar melhor idéa do seu espirito de observação, e porque trata de assumpto portuguez, vamos offerecer aos leitores parte do ultimo capitulo da sua *Segunda viagem á roda do mundo.*

(*Continúa.*)

ENIGMA.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão Rua da Boa-Vista 1 F